

# Relatos de história de vida na Educação de Jovens e Adultos

VIRGÍLIO LISBOA DO VAL

ANA PAULA LEMOS DE OLIVEIRA

MARIANA ARANHA DE SOUZA

MARIA APARECIDA CAMPOS DINIZ DE CASTRO

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo investigar a construção do conhecimento a partir de relatos de histórias de vida de estudantes no 1º segmento do Ensino Fundamental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A fundamentação teórica apoiou-se em autores que vêm discutindo a temática do conhecimento profissional docente e das estratégias de ensino, bem como da memória na construção do conhecimento. A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa, apoiando-se no uso de narrativas para reconstruir as memórias de vida dos estudantes, considerando a mediação da professora da turma. Teve como participantes uma professora e 15 estudantes de EJA de uma escola da região Sul do Estado do Rio de Janeiro. Como instrumentos de pesquisa realizaram-se (i) entrevista aberta com a professora, com roteiro flexível, a fim de compreender suas experiências formativas e suas práticas; e (ii) análise do material produzido pelos estudantes no livro “Autor da minha história”, em que relatam suas histórias de vida. Após a transcrição da entrevista foi realizada a análise de conteúdo, considerando as produções dos alunos. Os resultados obtidos apontaram o crescimento e o desenvolvimento dos estudantes envolvidos no resgate de suas memórias para os relatos de construção da história de vida de cada um. Entre os aspectos favoráveis destacam-se a importância atribuída pela entrevistada ao apoio encontrado pelos estudantes no espaço escolar para a construção de um aprendizado realmente significativo e transformador, propiciando a vida e o aprendizado com os próprios pares por meio dos saberes e da experiência produzidos em sala de aula. Os dados indicam que, para os participantes da pesquisa, a escola e a própria sala de aula constituem espaços privilegiados de aprendizagem, de exercício da cidadania e de reconstrução da autoestima, o que contribui para a transformação da vida destes jovens e adultos.

**Palavras-chaves:** Narrativas; Memória; História de vida.

**Abstract:** The present study is aimed to investigate the construction of knowledge from reports of life stories of students in the 1st segment of Elementary Education in the modality of Youth and Adult Education (EJA). The theoretical foundation was supported by authors who have been discussing the theme of professional teaching knowledge and teaching strategies, as well as memory in the construction of knowledge. The research carried out was of a qualitative approach, based on the use of narratives to reconstruct the students' life memories, considering the mediation of the class teacher. The participants were a teacher and 10 EJA students from a school in the southern region of the state of Rio de Janeiro. As research instruments, (i) an open interview with the teacher was carried out, with a flexible script, in order to understand her training experiences and practices; and (ii) analysis of the material produced by the students in the book “My history”, that they described their own life stories. After the interview transcript, content analysis was performed, considering the students' productions. The results obtained pointed to the growth and development of the students involved in the recovery of their memories for the reports of construction of each individual's life story. Among the favorable aspects, the importance attributed by the interviewee to the support found by the students in the school space for the construction of a truly meaningful and transformative learning stands out, enabling the learning through the reports of life experiences, and learning with the peers themselves through knowledge and experience produced in the classroom. The data indicates that, for the research participants, the school and the classroom itself are privileged spaces for learning, exercising citizenship and rebuilding self-esteem, which contributes to transforming the lives of these young people and adults.

**Keywords:** Narratives; Memory; Life stories.

O aprendizado adquirido e originado do conhecimento profissional docente é, sem dúvida, um rico repertório de aprendizagens. As narrativas dos docentes sobre suas práticas e sobre suas histórias de vida permitem a compreensão de seus saberes, das aprendizagens dos alunos, além de ser um importante instrumento de contribuição na construção da identidade docente e na própria identidade dos estudantes envolvidos.

Este estudo teve como objetivo investigar a construção do conhecimento de um grupo de estudantes matriculados no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, no que tange a leitura e a escrita por meio da valorização de suas histórias de vida. A proposta consistia em compreender o trabalho educativo realizado por uma professora, que propôs a produção do livro “Autor de minha história”, que abordou as memórias desses alunos por meio dos relatos de suas histórias de vida. O objetivo da professora foi evidenciar o protagonismo de cada aluno na construção do seu próprio conhecimento, resgatando a autoestima e estimulando a valorização da sua identidade.

Planejar ações de ensinar eficazes implica assumir uma postura estratégica, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade pretendida, no caso, a aprendizagem de alguma coisa (conceitos, factos, relações competências, saberes práticos e muitos outros que integram os conteúdos curriculares) por um conjunto diversificado de alunos (ROLDÃO, 2009, p. 59).

As atividades educativas, quando refletidas, permitem que os docentes reconstruam sua própria ação pedagógica. Esta reflexão pode ser disparada pela ação de narrar-se, de descrever suas atividades ou, em uma ação mais aprofundada, de pesquisar a própria prática.

Izquierdo (2011) afirma que este movimento reflexivo se origina no resgate das memórias, que vão compondo o processo de contar e recontar a própria história de vida, analisando e encontrando o sentido de cada ação. Para o autor, “O acervo de nossas memórias faz

com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico” (IZQUIERDO, 2011, p. 11).

Izquierdo (2011) afirma que a identidade individual é construída diante do coletivo em que estamos inseridos. Por mais que existam histórias parecidas, cada um tem a sua e carrega a sua memória individual.

Eu sou quem sou, cada um é o que é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém. Nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo (IZQUIERDO, 2011, p. 12).

Por outro lado, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que tem como objetivo buscar a escolarização que em virtude de inúmeros motivos não ocorreu na época correta, é a oportunidade que o jovem e o adulto possuem para elevar sua escolaridade, conforme artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996)

Desse modo, as experiências de vida, as histórias de vida de cada um são fatores preponderantes para essa aprendizagem, principalmente as que marcaram de forma negativa o indivíduo. Não há como dissociar o contexto sócio/econômico da trajetória de vida do estudante e da construção coletiva da sua aprendizagem. São marcas e histórias que, quando ressignificadas, podem ser o pontapé inicial para a descoberta de um novo sentido para a vida. A descoberta do sentido em aprender.

Ser professor nesta modalidade exige compreender os objetivos didáticos a serem ensinados, juntamente com toda a complexidade que envolve os alunos que deixaram de estudar na idade certa e decidiram retomar os estudos. São diferentes histórias, experiências e sentimentos em relação ao ensino, aos processos de aprendizagem, ao contexto social e à própria compreensão de mundo. Existe um universo de diversidades e singularidades que precisa ser compreendido para que as atividades educativas sejam bem sucedidas.

## 1. AS HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES

**T**odos nós possuímos histórias, trajetórias que compõem e escrevem nossa vida. Somos seres humanos construídos socialmente, dotados de valores, crenças e sentimentos. Assim também o jovem e o adulto estudante de EJA, com tantas marcas, decepções e lutas pela sobrevivência diária. Esses, então, possuem muitas histórias, na sua maioria de cerceamentos, privações de direitos e sonhos, sentimentos de incapacidade, sofrimentos e dificuldades, envolvendo, inclusive, sua estrutura familiar. Sobre isso, Tardif (2000, p. 219) afirma que a família é fonte de influência para o ensino: “[...] A vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como fonte de influência muito importante que modela a postura da pessoa toda em relação ao ensino”.

Seja qual for o motivo que levou a interrupção do processo ensino e aprendizagem na época certa, trata-se de um processo de exclusão. Algo ocorreu que o retirou do processo escolar, de um ciclo, de uma trajetória. Esse sujeito, num determinado momento de sua vida, foi impedido de continuar sua trajetória escolar, ou não se adaptou ao modelo, devido a reprovações e/ou a evasão.

Ao retornar à escola, esse jovem e/ou adulto, com sua identidade e individualidade, procura buscar o seu lugar, retorna para construir conhecimento, retorna para conquistar e realizar os sonhos perdidos e deixados para trás. Muitos jovens e adultos sofrem pela falta da escolaridade, muitos têm dificuldades em conseguir trabalho melhor remunerado devido à falta de certificação. Outros convivem com o preconceito da sociedade por serem analfabetos, não letrados, se tornam dependentes para se locomover ou para resolver

tarefas simples do dia a dia que dependem da leitura e da escrita.

Devido às frustrações, reprovações, dificuldades ou evasões, esses alunos podem se sentir incapazes de aprender, incapazes de fazer parte do processo escolar e essa percepção pode influenciar em seu desenvolvimento. Conforme Gauthier e Tardif (2010) apontam:

A percepção do aluno em relação às tarefas que ele deve realizar influencia nos seus processos mentais. A maneira como o aluno percebe o que tem a fazer, suas capacidades de fazê-lo e por que ele deve fazê-lo constitui, segundo Gagné, a seção “expectativa” do processo de tratamento da informação. As “expectativas” do aluno determinam as atitudes e os comportamentos que ele adota na situação de aprendizagem. (GAUTHIER; TARDIF, 2010, p. 419)

Neste contexto, a escola possui um papel determinante na vida desse estudante, pois possibilita a construção da autonomia e da cidadania desse sujeito. Dependendo de sua atuação e das expectativas criadas nos estudantes, a escola irá impulsionar esse jovem/adulto ou a escola simplesmente suspenderá de vez as expectativas e sonhos desse aprendiz.

Para tanto, é importante que os docentes que atuam na modalidade da Educação de Jovens e Adultos sejam profissionais engajados, atentos e que acreditem na transformação de vida e no aprendizado desses estudantes, oportunizando a construção coletiva do conhecimento a partir de seus saberes de vida e dos saberes docentes, construindo uma relação de troca e desenvolvimento mútuo. É uma troca, uma relação de confiança e descoberta. É descobrir o novo, se abrir para o mundo.

Sobre isso, Freire (1996) aponta que o professor deve partir da realidade do aluno, do seu contexto, para apresentá-lo um contexto maior, o mundo do conhecimento e da cultura.

Contudo, é importante refletir que trabalhar com as histórias de vida não é uma exclusividade da atividade docente com os estudantes. O professor, também ao ensinar,

*(...) ser professor, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, envolve grandes reflexões, envolve a responsabilidade ética e social para realizar uma prática pedagógica consciente, intencional e acolhedora*

carrega consigo uma carga de experiências de vida, conforme afirma Tardif (2000, p. 216): “Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre o ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos”.

Com base nessa reflexão, o processo de ensino e aprendizagem se faz em uma relação de troca de experiências, compartilhando as trajetórias de vida e aprendizados. O professor e o aluno são sujeitos que ensinam e aprendem, principalmente no segmento abordado neste estudo, a Educação de Jovens e Adultos. Para que o processo tenha êxito há a necessidade de ser estabelecida entre aluno e professor uma relação de confiança e respeito.

O aluno precisa se abrir para o novo, para reconstruir sua trajetória. E o professor necessita atuar de forma intencional, reflexiva, valorizando os saberes dos alunos e, a partir deles, propor estratégias diversificadas para que o conhecimento seja construído de forma significativa.

Desse modo, ser professor, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, envolve grandes reflexões, envolve a responsabilidade ética e social para realizar uma prática pedagógica consciente, intencional e acolhedora. As decisões pedagógicas da instituição de ensino e, principalmente, dos professores irão possibilitar o desenvolvimento de competências fundamentais para a vida, para as relações sociais, relações de trabalho e tarefas cotidianas, para potencializar a vida em toda a sua complexidade, contribuindo para que esses alunos possam ressignificar e reescrever sua história.

## 2. METODOLOGIA

**E**ste estudo possui uma abordagem qualitativa. De acordo com Alves (1991, p. 55), esta abordagem considera que “a realidade é uma construção social da qual o investigador participa [...] e conhecedor e conhecido estão sempre em interação, possibilitando a elaboração de conhecimentos, na compreensão da realidade que nos circunda”.

Lüdke e André (1986) afirmam que:

A pesquisa qualitativa supõe contato o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. (...) A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-12).

Como instrumentos para a coleta de dados realizou-se uma entrevista com roteiro flexível com uma professora que leciona para o Primeiro Segmento do Ensino Fundamental de uma turma de 10 alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da região Sul Fluminense. O roteiro de perguntas foi estabelecido com dois objetivos: descrever sua história de vida e trajetória profissional e narrar suas experiências com os relatos de vida dos estudantes, presentes no livro “Autor de minha história”. Utilizou-se também a análise desse material produzido pelos alunos, em que relatam suas histórias de vida. Os alunos serão denominados, nesse estudo, pela palavra Aluno ou Aluna (quando for o caso), seguida de um número de 1 a 10 e a docente será denominada de Professora, a fim de lhes assegurar o anonimato.

A entrevista foi transcrita e, juntamente com as histórias de vida dos alunos, escritas

por eles mesmos no livro “Autor de minha história”, foi submetida à análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2011), procurando compreender quais categorias estavam presentes na narrativa da professora e nas produções desses alunos. Optou-se, nesse sentido, por apresentar a discussão dos resultados e sua análise considerando: (i) a história e a prática da professora; (ii) os estudantes; e (iii) o projeto de elaboração do livro com as histórias de vida dos alunos.

### 3.A PROFESSORA: SUA HISTÓRIA E SUA PRÁTICA

A professora relata que se formou no Magistério (Curso Normal) no ano de 2010, com muita dificuldade. Para ela, sua história de vida é, assim como a de seus alunos, de muita dedicação, esforço e desafios para estudar:

Nasci em Volta Redonda, formei no curso normal em 2010, com 19 anos. Fiz o magistério com muita dificuldade porque vim de uma família pobre, onde minhas irmãs mais velhas estavam iniciando sua formação profissional e minha mãe tinha parado de estudar na antiga 3ª série. Mesmo com pouco estudo, com sete anos eu já estava alfabetizada pela minha mãe (Professora).

A professora tinha uma vivência pessoal na Educação de Jovens e Adultos, pois sua mãe tinha estudado nessa modalidade. Sua mãe enfrentou muitos desafios para concluir seus estudos e não desistiu, o que, com certeza, aproximou sua história de vida da dos alunos atendidos na turma.

Quando eu tinha dez anos de idade, lembro que minha mãe se matriculou na EJA que tinha em nosso bairro no período da manhã, para conseguir concretizar pelo menos primeiro ciclo do fundamental (Professora).

No relato da professora fica evidente sua conexão com essa experiência e quanto essa vivência com sua mãe, sua história de vida familiar, foi importante para sua escolha profissional e para a sensibilidade que

demonstra com a história de vida dos seus alunos:

No dia de pegar o diploma, eu estava lá, criança. Mas algo me marcou muito. Eu não imaginava como criar dois filhos em um bairro perigoso, sozinha, sem recursos, profissão era difícil. Eu era criança. Então, para mim, nada daquilo era preocupante. Mas eu me lembro do sorriso dela, pegando aquele pedaço de papel e a alegria da professora ao entregá-lo, a professora chorava, muito emocionada. Na época eu não entendia o motivo da choradeira, hoje como educadora eu entendo. Essa imagem é nítida até hoje na minha mente, nesse momento, tentando entender o que acontecia ali, que me sensibilizei pela educação. A professora da turma, diversas vezes trazia brinquedos e atividades para eu fazer, provavelmente para eu deixar minha mãe estudar (Professora).

A professora iniciou sua atuação como docente I na Prefeitura e se formou em Direito. Trabalhou nas duas áreas, na Educação, como professora, e no Direito por alguns anos, mas com o passar do tempo decidiu se dedicar apenas à Educação.

Quando foi lecionar para a EJA, relata que recebeu um presente e em sua fala é evidente sua inquietude com relação à turma e aos alunos:

Quando entrei na escola, não sabia o desafio que me aguardava. Fui conhecer a minha turma. Eram pessoas na idade da minha mãe. O frio na barriga aumentava. Na minha primeira aula sozinha eu não sabia como lidar com a turma. As perguntas rodeavam minha mente: E se eu falasse algo que eles não gostarem? O que eles estão pensando de mim? Logo, tudo isso passou, eu não ganhei um desafio. Eu ganhei um presente (Professora).

A narrativa da professora marcada por medo e dúvidas, evidencia o que Huberman (2000, p. 38) traz à luz acerca do início da carreira docente. Segundo o autor, os dois ou três primeiros anos da profissão são marcados por um processo de sobrevivência e encantamento: "um processo e não em uma sé-

rie de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades".

Ao mesmo tempo, sua narrativa ressalta que foi por meio da interação com seus alunos que ela aprendeu, refletiu e ressignificou sua prática pedagógica:

Aprendi com eles a refletir minha prática, meus métodos, a buscar, pesquisar, aprofundar. Através das minhas aulas, comecei a refletir sobre meu papel dentro de sala de aula, da minha importância (Professora).

Nóvoa (2000) afirma que o professor, na medida em que reflete sobre suas experiências educativas, vai compreendendo a sua atuação profissional e a vai ressignificando. É por este motivo que a profissão docente se constitui como uma atividade que está em constante processo de aprendizagem e de reflexão. O professor precisa criar uma consciência de que toda prática precisa ser planejada, executada e avaliada a partir de um processo reflexivo constante, por ele mesmo e por seus pares.

Sem dúvida, as instituições escolares possuem um importante papel em conduzir este movimento de formação ao longo da carreira, proporcionando um ambiente formativo e acolhedor.

Nesse sentido, outro aspecto importante evidenciado no relato da professora são as conquistas realizadas pelos seus alunos quando da aquisição da leitura e da escrita. A professora afirma que se sente feliz e valorizada por participar desse processo de conquista social, de conquista de vida de seu aluno. E afirma que se sente feliz como educadora, mas principalmente como ser humano.

Recebi mensagens de alunos falando que estavam conseguindo pegar ônibus lendo o nome, mandando mensagem escrita no celular, que não passavam mais vergonha no mercado para fazer

compras porque aprenderam a usar a calculadora do celular (Professora).

Freire (1996) já discorria sobre a importância que o professor tem em ampliar as possibilidades formativas de seus alunos. Os atos de ler e de escrever permitem que os alunos se descubram em seu papel na sociedade e conscientizem-se de sua importância enquanto sujeitos que podem escolher e agir sobre o mundo.

É sob essa perspectiva que a professora inicia a narrativa do desenvolvimento do projeto, a construção do livro pelos alunos. Ela reafirma esse contexto humano do professor em sua prática pedagógica e o relacionamento de confiança e afetividade estabelecido com seus alunos.

Surpreendente foi que na produção da obra, alguns alunos se envolveram tanto com a escrita de sua história, que começaram a chorar. Eu os levava para um local reservado, com o fim de acalantar e para minha surpresa, eles tinham a necessidade de se abrir comigo, sobre a causa daquele choro. Eles confiavam em mim. Muitos relatos que não foram expostos são de meu conhecimento, e me fez refletir que eu sou importante para eles, que eu conquistei meu espaço de confiança através do meu trabalho e principalmente, como o professor tem que ser humano dentro de sala de aula (Professora).

A professora demonstra o envolvimento com sua atividade educativa. É possível observar que seus saberes profissionais foram sendo construídos ao longo de sua história de vida, marcada por uma história familiar muito forte e que a inspirou a lutar por seus ideais e a se encantar pela educação.

Através da sua atuação com a EJA - Educação de Jovens e Adultos - ela resgatou essa história pessoal, teve a oportunidade de olhar para seus alunos com empatia, individualidade e olhar humano, se inquietou com o contexto, se reinventou, se questionou e assim fez nascer uma nova docente com outras

## *(...) Agora estou na EJA de noite, pretendo terminar meus estudos para eu trabalhar embarcado (Aluno 2)*

estratégias de ensino e aberta a transcender sua prática para tocar seus alunos.

### 4. OS ESTUDANTES

**A** turma participante do projeto é da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e é composta por 10 estudantes da 1ª a 5ª fase do Ensino Fundamental, de forma multisseriada, com idade entre 15 e 65 anos. Em sua maioria são alunos idosos e que não concluíram seus estudos devido à necessidade de laborar para manter seu sustento e de sua família, como demonstra o relato do aluno 7, presente no livro “Autor de minha história”:

Eu estudei até os meus 13 anos e parei porque tinha que ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos mais velhos. Meu pai tinha morrido de câncer e minha mãe tinha que sustentar a casa. Quando minha mãe falou que eu tinha que parar de estudar eu fiquei triste. Acabei esquecendo algumas coisas que já sabia (Aluno 7).

Todavia, existem dois alunos que fogem esse aspecto, respectivamente: um está na faixa de 30 anos e é ex-presidiário e outro tem 15 anos e foi matriculado na modalidade em questão devido à idade, por não ter perfil para o Ensino Regular, como pode-se observar em seus relatos, também expostos no livro:

Como eu fiz minha família sofrer, como erreí, quanto tempo perdi. Por que não escutei minha mãe que só queria meu bem? Isso foi mais que um aprendizado da vida e com a compaixão de Deus para me deixar viver um pouco mais nessa terra. Diga não as drogas, pois amanhã pode ser tarde (Aluno 8).

Tenho 15 anos e também tenho 4 irmãos. Eu estudava no regular só que

eu estava com muitas faltas, porque meu pai saía para trabalhar e me acordava, mas não me levava na escola. Antes eu estudava no CIEP mesmo. As professoras de lá não gostavam de mim. Eu sentia que as professoras não gostavam descontavam em mim por meu irmão ter brigado lá. Eu não me sentia, por esse motivo, bem [...]. Agora estou na EJA de noite, pretendo terminar meus estudos para eu trabalhar embarcado (Aluno 2).

Outro aspecto relevante da característica do grupo é que a turma é dividida em quatro homens e seis mulheres, de classe social baixa, que trabalham em empregos que não necessitam de “diploma” como: serventes, faxineiras, domésticas e diaristas.

É importante ressaltar que, entre os alunos autores do livro, há uma discente que possui necessidades educacionais especiais. Como estratégia de ensino a professora se organizou para a aluna realizar o seu relato em conjunto com sua família, visto suas limitações físicas e cognitivas:

Aos seis meses de gestação, minha mãe passou por algumas dificuldades e isso afetou minha saúde, demorei muito para começar a andar, porém só com três anos minha deficiência começou a se manifestar (Aluna 3).

Não se pode olvidar que o livro foi realizado somente com os alunos já alfabetizados, uma vez que o objetivo da professora era o aluno ser o próprio autor de sua história, salvo a aluna incluída. Sua participação era um meio de integrá-la à turma e sua inclusão não tinha como objetivo a alfabetização em si, mas sua participação e integração no coletivo.

Os discentes da presente classe são pessoas que, independentemente da sua história, foram colocadas às margens da sociedade devido ao analfabetismo, pessoas que foram penalizadas por não conseguirem compreender e decodificar a linguagem escrita. No livro organizado pela docente, é possível ler relatos frequentes de humilhação, perda de oportunidades e, até mesmo, vergonha por não saber ler e escrever:

Comecei a trabalhar para sustentar a casa. Eu aprendi a ler e escrever com 15 anos e sozinha. O meu primeiro emprego foi de balconista. Lá que eu aprendi a fazer as coisas, mas fiquei só nove meses, porque a gerente me humilhava muito, me chamando de analfabeta.

Na CSN enfrentei muitas dificuldades porque as pessoas achavam que eu não ia dar conta do serviço por causa da falta de estudo. Hoje as pessoas que me subestimaram ficam surpresas pela minha capacidade. Resolvi estudar para melhorar no serviço e na vida, eu quero me formar em farmácia (Aluna 5).

Eu sentia vergonha de não saber ler e escrever. Um dia fui na Unimed e precisei de um papel, tive que falar com a menina que eu não sabia, vermelha de vergonha. Quando a gente não sabe ler, deixa de ir aos lugares, pois achamos que não vamos conseguir fazer nada.

Eu fiquei muito emocionada quando aprendi a ler, minha família ficou muito orgulhosa de mim (Aluna 1).

Os excertos das alunas 1 e 5 demonstram as dificuldades vividas, atreladas ao fato de não saberem ler e escrever. Ambas relatam o quanto transformador foi para elas aprender e o quanto isso possibilitou que enxergassem oportunidades de transformação em suas próprias vidas.

Além disso, outro fator importante ressaltado pela professora é que mesmo

aqueles que sabiam ler e escrever, se recusavam a formular pequenos textos e sentenças, por medo de cometer erros gramaticais ou ortográficos. A turma tinha um perfil de resistência à escrita e leitura, além de muita dificuldade nesse aspecto, se recusando a escrever. Cabe ressaltar que houve muitos relatos dos alunos em processo de alfabetização, que não sabiam ler ou escrever, pois erravam, e que, por isso, não podiam escrever um livro, porque não se sentiam capazes.

Os educandos não se sentiam habilitados a escrever, se sentiam inferiorizados e, por esse motivo, qualquer estratégia apresentada para estímulo à leitura e à escrita, a turma demonstrava resistência, o que foi um desafio encontrado pela educadora.

A maioria dos alunos era resistente à escrita e à leitura devido à grande dificuldade e à idade avançada. Outra característica marcante dos estudantes era o medo de errar e a vergonha de escrever. Diante do desafio enfrentado pela docente, ela idealizou o projeto das memórias para a construção do livro dos relatos das histórias de vida de cada um, como descrito a seguir.

## 5. O PROJETO

A lembrança que a turma de Jovens e Adultos expressa do contexto escolar reflete uma sala de aula em que o professor era o transmissor e detentor do conhecimento e eles simples receptores. Há uma grande valorização do professor como alguém muito sábio, mas o aluno teria nesse contexto um papel inferior e de obediência. Entretanto, a docente entrevistada tem uma concepção diferente do referencial da turma. Conforme Freire (1996, p. 47), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, a docente sempre teve como referência a concepção que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

A professora, em sua atuação com a turma, buscou conscientizar os discentes sobre seu importante papel em sua própria educação e que eles participariam ativamente das aulas,

haveria muitas trocas, pois os alunos tinham conhecimento de mundo, de vida, e isso era extremamente importante no processo de ensino e aprendizagem. Esta questão é observada no trecho da história da aluna 4, registrada no livro, quando diz que agora “está vivendo a sua vida”:

Eu tenho muita dificuldade na escola, eu não gostava de estudar, eu reprovei várias vezes [...]. Este ano, eu estou vivendo a minha vida, agora eu comecei a estudar. Comecei na primeira série, já estou no segundo ciclo. E também meu marido me ajudou muito a voltar (Aluna 4).

O grande desafio da docente era conseguir a confiança desses alunos para realizar seu trabalho dentro de sala, já que os discentes achavam que a professora era a pessoa de maior conhecimento no ambiente escolar. Sendo assim, nada que viesse deles seria relevante para as aulas. Já dizia Jean Piaget (1983, p.215) que:

Para que um novo instrumento lógico se construa, é preciso sempre instrumentos lógicos preliminares; quer dizer que a construção de uma nova noção suporá sempre substratos, subestruturas anteriores e isso por regressões indefinidas.

Portanto, quando a educadora utiliza meios para utilizar os conhecimentos prévios de seus alunos, dando importância ao seu conhecimento de mundo. Ela aplica o conceito supracitado e consegue trazer esse aluno para ser autor do seu processo de aprendizagem.

Em uma reflexão profunda sobre seu trabalho de alfabetização a professora percebeu que para ler e escrever os alunos necessitavam de contato com livros e textos. Mas como fazer isso com uma turma que se recusava ler e escrever?

Além disso, a não existência de livros para a faixa etária da turma, com assuntos do cotidiano deles e mais simples de serem trabalhados, a fez buscar diferentes estratégias para trabalhar leitura e escrita,

sem ser algo maçante, repetitivo ou com textos que fossem fora do contexto do aluno dessa modalidade de ensino.

Nesse momento, surgiu a ideia de fazer uma coletânea de histórias com os alunos, onde os conhecimentos prévios seriam trabalhados, já que partiriam da própria história do educando e ainda a docente teria material didático para trabalhar, já que normas gramaticais, textuais e ortográficas, além da produção do texto, estariam sendo internalizadas na prática.

Outro aspecto relevante é que, quando era proposto pela professora a criação de um texto, mesmo partindo de um texto anterior e coletivo, os alunos alegavam dificuldades de criar, já que achavam difícil, relatavam não ter imaginação. Com a construção do texto a partir de suas histórias de vida, essa adversidade foi sanada, porque os alunos relatam sua história, algo que viveram, então são os próprios personagens, como pode ser observado na história do aluno 6:

Trabalhei para um rapaz. Eu carregava cesta básica para ele e na frente das pessoas ele me humilhava falando que tinha burro para carregar as cestas. Falava que eu só servia para carregar, porque eu não sabia ler e escrever. Isso me motivou a voltar a estudar.

Hoje em dia estou satisfeito por estar estudando, fazer amizade no colégio, aprendendo a ler e escrever. Agradeço a minha professora pela paciência em ensinar e ao colégio por nos deixar contar nossa história (Aluno 6).

Marcuschi (2008) afirma que os gêneros são categorias essencialmente sócio históricas sempre em mudanças. Estão situados entre o discurso e o texto e operam como elo, entre as atividades discursivas e o texto numa determinada composição. Para este autor:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

*Fato é que as rodas de conversas possibilitadas pela profissional, encontraram-se diretamente embasadas na visão freireana. A educação para a vida e a cidadania é a tarefa primeira da educação libertadora comprometida com a conscientização das massas em situação de opressão*

Desse modo, a docente tinha consciência da necessidade de seu trabalho partir de gêneros textuais, e assim, e em conformidade com a proposta da Secretaria de Educação do Município, ela escolheu o gênero textual que se encaixava aos seus objetivos, sendo esse o relato pessoal.

A educadora iniciou sua trajetória para construção do livro. O primeiro passo foi conversar com a turma apresentando a ideia de que eles escreveriam sua história de vida, com o apoio da docente, buscando sensibilizar a todos.

Logo, iniciou a apresentação de textos sobre o gênero supracitado, para apresentar para os discentes as características daquele tipo de texto, bem como possibilitar o contato com ele. Também, foram proporcionadas rodas de conversas e debates sobre os textos lidos, onde os educandos puderam dar sua opinião sobre outras histórias de vida, questionar sobre as histórias lidas, sobre o analfabetismo no Brasil, sobre a educação no nosso município e no mundo.

Fato é que as rodas de conversas possibilitadas pela profissional, encontraram-se diretamente embasadas na visão freireana. A educação para a vida e a cidadania é a tarefa primeira da educação libertadora comprometida com a conscientização das massas em situação de opressão. Segundo Freire (2002 p.13), “a visão de liberdade [...] é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos”.

Diante do exposto pelo autor, a educação em rodas representa uma aposta, na medida em que o ato educativo contextualizado demarca a imersão de sujeitos de direitos engajados no ato de conhecer e transformar a realidade. A partir dos questionamentos levantados pela docente, o aluno começa a refletir sobre sua realidade.

Posteriormente, iniciou-se a escrita dos

relatos que iriam para o livro. Nesse momento, os alunos já se encontravam confortáveis em relação à atividade e não apresentavam resistência, como pode ser observado na narrativa da aluna 10, expressa no livro:

Comecei um curso na igreja, mas tinha dificuldade porque eu não sabia ler, falei com a professora e pedi para ela não contar. As pessoas perguntavam porque eu não anotava e eu morria de medo de descobrirem. Eu aprendia pela prática, olhando e ouvindo [...]. Nessa época, fui para o colégio DM e fiz o ensino Mobral. Lá que aprendi ler e escrever. Em 2017 voltei a estudar por incentivo da minha irmã, que voltou também. Hoje em dia, tenho meu salão. Meu sonho é acabar meus estudos, fazer a faculdade de estética e tirar a minha carteira de motorista (Aluna 10).

O projeto foi realizado ao longo de um semestre, tendo as seguintes fases: visita à biblioteca e análise de livros de história; sensibilização para a construção de um livro coletivo; construção dos relatos – mediação individual pela professora sobre as memórias, fatos relevantes da vida do aluno, estimulando a reflexão pessoal; escuta do aluno com relação a suas memórias e questionamento sobre o desejo de relatar o fato no texto; apoio técnico da professora quanto à construção do texto (ortográfica, estrutura, coerência e coesão); término das produções; compilação dos textos no livro; produção do livro em gráfica; organização e realização da noite de autógrafos com participação das famílias.

Como a sala era composta por outros ciclos, a professora realizava o trabalho de produção com o aluno/autor e os outros estudantes realizavam suas atividades diárias de aula.

Foi observado pela educadora que em alguns momentos era necessário sair para um ambiente mais reservado com o escritor, pois quando ele começava a realizar a narração de sua história, por vezes, começava a chorar, se emocionava e necessitava do acolhimento e discrição da docente.

A professora deixou os alunos livres para colocarem o que queriam no livro, explicou que o livro seria exposto, por isso era importante que o aluno estivesse confortável com o que estivesse relatado lá. Surpreendente foi que, mesmo algumas histórias sendo ocultadas, porque os discentes não as queriam no livro, eles tinham necessidade de relatá-las para a professora como se fosse uma forma de desabafo, com isso, conforme relata a professora, foi se criando um vínculo entre professor e aluno de extrema confiança. Por vezes os discentes relatavam um fato, que nem a família sabia e que, no contexto social deles, não podiam contar a ninguém. Analisando esse, aspecto é possível inferir que a postura que a professora praticou foi a de uma educação humanizada, conduzida pela proposta de mediação, já evidenciada por Vygotsky (1996).

A partir do projeto muitas mudanças foram possíveis na trajetória de vida de seus alunos, como a que pode ser observada no relato da aluna 9, também presente no livro:

Em 2017 a prima do meu marido começou a estudar no [colégio] e me chamou. No começo eu não queria ir não sabia ler nem escrever e tinha vergonha. Pedi para ela ver se a professora era legal. Ela falou que a professora [...] ensinava bem, aí eu comecei. No começo achei muito difícil porque eu não sabia ler as letras. Quando terminou o ano conseguia ler e escrever algumas palavras. Hoje em dia continuo meus estudos e já consigo até ler mensagem no WhatsApp e escrever minha história (Aluna 9).

A relação construída pela professora com os alunos e as interações que ocorreram no âmbito escolar foram passadas pela

afetividade e foram fundamentadas pela mediação afetivo-motivadora, uma vez que a afetividade habilita a pessoa a olhar para o outro de uma forma humana e cuidadosa, valorizando-o e estimulando sentimentos, como a autoestima e autoconfiança, fatores essenciais para a aprendizagem e para o desenvolvimento das potencialidades dos educandos.

A docente sentiu com base nos resultados do projeto o sentimento de satisfação em perceber que sua prática pedagógica propiciou o crescimento e desenvolvimento não só dos alunos, mas também de si mesma.

Nesse novo cenário, é possível observar pelas produções dos alunos no livro que eles se sentem parte do espaço escolar, valorizados, legitimados, protagonistas de sua aprendizagem e de suas vidas, sujeitos capazes de construir conhecimento e de gerenciar sua história, criar, opinar, sonhar e participar ativamente da sociedade, com confiança, autoestima e sem medo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A professora ressaltou em seu relato que a turma se tornou mais próxima e a relação professor e aluno mais intensa, de confiança e afetividade. Os momentos de escuta aos alunos foram muito significativos, por meio da troca de experiência e situações de vida.

Outro ponto relevante é que os alunos não são mais resistentes às propostas de leitura e escrita, estão mais abertos ao novo, o medo inicial por desafios foi ultrapassado. Agora os discentes se sentem capazes e seguros no contexto escolar e, com a mediação do professor acreditam que conseguem se superar. Ao longo da construção do livro, os alunos demonstraram maior familiaridade com a escrita, tornando-se mais confiantes, como foi possível observar nos excertos das narrativas dos alunos, ao longo deste texto.

Percebe-se através dos relatos da docente, a mudança no comportamento dos alunos após a realização das ações do projeto, conforme Gauthier e Tardif (2010) fazem refletir. A partir

deste trabalho, as percepções dos discentes sobre o contexto escolar, sobre o professor e sua mediação, sobre as relações estabelecidas nesse contexto, com o processo de ensino e aprendizagem e com a própria escrita se modificaram. Dessa forma, também se modificou sua “expectativa” e assim suas atitudes e comportamentos em relação a todo esse processo.

Nesse sentido, verificou-se o quanto o trabalho com os relatos de histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos contribui para a construção do conhecimento desses estudantes, sobretudo no que diz respeito à leitura e à escrita. É um movimento educativo que impulsiona o desenvolvimento da autoestima, valoriza a identidade de cada um dos alunos e fortalece o grupo como um todo, cunhando a esperança no futuro, com a certeza de que, através da educação, há transformação e oportunidade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. MEC. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora. p. 39, 1992.

IZQUIERDO, Iván. Cap. 1: O que é a memória. In: IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor**. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Denise. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, dez. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Teoria e Método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## SOBRE AS AUTORAS

Virgílio Lisboa do Val é Mestrando em Educação pela Universidade de Taubaté – SP. MBA em Gestão Empreendedora com Ênfase em Educação pela UFF- RJ, Especialista em Gestão da Educação pela UFJF-MG, Especialista em História Social pela FERP – Volta Redonda-RJ. Graduado em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Geraldo Di Biase, Graduado em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda. Professor da Rede Estadual do Rio de Janeiro, Diretor Escolar do SESI – RJ e Supervisor Educacional da Fundação Educacional de Volta Redonda. E-mail: [lisboadovalvirgilio@gmail.com](mailto:lisboadovalvirgilio@gmail.com)  
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8968131748820412>

Ana Paula Lemos de Oliveira é Mestranda em Educação pela Universidade de Taubaté – SP. Especialista MBA em Gestão Empreendedora com Ênfase em Educação pela UFF – RJ. Graduada em Pedagogia pelo UGB- Centro Universitário Geraldo Di Biase. Possui experiência como Pedagoga e gestora escolar. Atualmente

atua como Diretora Escolar do SESI – RJ.  
E-mail: [aploliveira@firjan.com.br](mailto:aploliveira@firjan.com.br)  
Currículo Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/8608391628563575>

Mariana Aranha de Souza é Doutora e Mestre em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pedagoga pela Faculdade Maria Augusta Ribeiro Daher. Atualmente atua como Professora do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas e Professora do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade - GEPI-PUC-SP, e do Núcleo de Saberes e Práticas em Educação à Distância da Universidade de Taubaté. E-mail: [profa.maaranha@gmail.com](mailto:profa.maaranha@gmail.com)  
Currículo Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/1486008243996275>

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Taubaté, mestrado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutorado e Pós-doutorado em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi professora colaboradora doutora da Universidade de Taubaté, no quadro docente efetivo do Departamento de Pedagogia. Foi membro do Conselho Universitário da UNITAU. Atualmente atua como: pesquisadora e professora do Programa de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Humano e Mestrado Profissional em Educação, ambos da Universidade de Taubaté. E-mail: [nenacdiniz@gmail.com](mailto:nenacdiniz@gmail.com)  
Currículo Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/5223748005583046>